
ESCREVER O DESAPARECIMENTO DE SI EM TORNO DE *LE COUPABLE*, DE GEORGES BATAILLE

Oswaldo Fontes Filho

Resumo: *Georges Bataille (1897-1962), ao lado de Blanchot e Klossowski, é um dos autores solicitados por Michel Foucault ao indicar as “maneiras de sair da filosofia”. De fato, Bataille entra em filosofia pela porta da transgressão, a fim de subverter antigos idealismos filosóficos e evidenciar a “selvagem impossibilidade” de um Eu soberano. Encontrar as palavras que arranquem o sujeito do espaço de sua representação coerente: eis o desafio do escritor Bataille em face das linguagens de identidade. Tal desafio é aqui reportado nos momentos em que assume a voz autobiográfica, trama a subversão de seus espelhos de similitude e se torna o registro declaradamente dilacerante de uma “ferida aberta” da subjetividade.*

Palavras-chave: *subjetividade, soberania, escritura de si, transgressão, Georges Bataille*

J’ai décidé de ne pas signer [...] Mon nom doit disparaître.

(Antonin Artaud)

J’écris pour effacer mon nom

Le sens d’une oeuvre infiniment profonde est dans le désir que l’auteur eut de disparaître [...].

(Georges Bataille)

Recordem-se os termos de Michel Foucault, em 1966, para a moderna experiência da linguagem: “nos deparamos com uma hiância que por muito tempo permaneceu invisível para nós: o ser da linguagem só aparece para si mesmo com o desaparecimento do sujeito” (FOUCAULT, 2001a,

p. 222). Três anos antes, Foucault localizara em Georges Bataille uma “experiência nua da linguagem” através da qual modernamente fraqueja a evidência do “Eu sou”. Numa verdadeira inversão copernicana do movimento que sustentou desde sempre a sabedoria ocidental – na sua promessa da unidade serena de uma subjetividade triunfante –, o sujeito batailleano passeia, “sem outro fim que o esgotamento”, pelo “vazio desmesurado” deixado pelo filósofo em perda de função gramatical, apropriando-se de uma experiência de expressão na qual, “em vez de se exprimir, se expõe, vai ao encontro de sua finitude e sob cada palavra vê-se remetido à sua própria morte” (FOUCAULT, 2001a, p. 46).

Relevar no texto autobiográfico de Bataille os modos de inscrição desse sujeito exposto a uma “pulsão de morte” significará narrar uma trajetória de desmedida, de transgressão de limites, de conseqüente esgotamento de antigas soberanias, sobretudo no que diz respeito à linguagem. De fato, a se crer em Foucault (2001b, p. 36),

a linguagem de Bataille desmorona-se sem cessar no centro de seu próprio espaço, deixando a nu, na inércia do êxtase, o sujeito insistente e visível que tentou sustentá-la com dificuldade, e se vê como que rejeitado por ela, esgotado sobre a areia do que ele não pode mais dizer.

O que não se pode mais dizer, num pensamento que confessa ser “imensa arquitetura em demolição”, são precisamente “as coisas do abismo”. Mais precisamente,

a noção de um bem que seria um gasto se constituindo em uma perda pura e simples [...]. A linguagem se ausenta (à expressão dessa idéia) porque a linguagem é feita de proposições que fazem intervir identidades; e, a partir do momento em que, por força da soma demasiada a ser despendida, é obrigada a não mais despendar para o ganho, mas despendar por despendar, não mais pode se manter no plano da identidade (PIERRE, 1987, p. 47).

Princípio econômico incontornável, intuição fundamental de toda a reflexão batailleana, um dispêndio sem reserva não se dá à sua expressão sem um correspondente dispêndio da linguagem. A impossibilidade de exprimi-lo, de exprimir uma “soma demasiada a ser despendida”, ou de desenvolvê-la discursivamente, exaspera uma escritura que, por entre imagens de

denegação do sujeito enquanto ser-em-si, entende fixar a atenção sobre um ponto de “desequilíbrio vertiginoso”, desequilíbrio de um beckettiano “homem asfocado, esgotado” (BATAILLE, 1973, p. 240). Pois que Bataille (1973, p. 283) é justamente aquele que retém o olhar, à maneira de um místico dos novos tempos, nesse ponto de ruptura, ponto de êxtase, de quebra com a particularidade fechada em si, em seus objetos de “rentabilidade” pessoal.

No intento de dizer uma condição extática do ser, a linha de partição entre o dentro e o fora perde nitidez na autobiografia batailleana; ela é contestada na direta proporção da imperiosa necessidade de se abdicar do “Eu” como fiador epistemológico do todo.

[...] Esta exposição ‘me põe em jogo pessoalmente’, é o momento de realização de toda a minha vida [...] O que escrevo agora é minha vida, é o próprio sujeito e nada diverso. Talvez eu estivesse aberto a esse mundo do fora: assim, o mundo é em mim representado pelos objetos que comumente o compõem; e que habitualmente me situam fora de mim. Mas é na medida em que esses objetos desaparecerão que eu lograrei meu intento. Pode ser ainda que nessa desaparecimento dos objetos, minha especificidade, minha particularidade desapareçam com eles (pois que sem ligação com objetos particulares cesso ‘de ser eu mesmo’). Mas esse sujeito universal e insignificante só é encontrado a partir do sujeito particular, que mergulha em si mesmo, na mais profunda significação (BATAILLE, 1971, p. 397, grifos nossos).

O que se passa quando, uma vez desaparecidos os objetos por força de uma subversão impessoal – é assim que Bataille entende operar transgressões –, o autor tiver logrado seu intento (sua significação)? No êxtase, na experiência interior, nos momentos de acaso ou de procura do acaso – enfim, na soberania: o que se passa? Bataille escreve o acontecimento, o advento de ... ou o acontecimento seria uma escritura onde o autor somente pode se despendar? Escritura e acontecimento podem coincidir? Mas a escritura seria, de fato, um movimento soberano? Na verdade, nela nada se passa. Não se passa nada. Não são somente os objetos que desaparecem; igualmente o sujeito, com sua linguagem “feita de proposições que fazem intervir identidades”: ele se desengaja de toda “mimese da ação”. Em dado momento, na exasperante escritura da vida, que excede as possibilidades “terra-a-terra” da biografia, o êxtase tem lugar, a síncope: “consumição do sujeito e de seu objeto”, dirá Bataille. Tudo desaparece, objetos, linguagem, o corpo; seu tempo, sua duração [...] Aquele que se representa é “negatividade vazia de

conteúdo” (BATAILLE, 1973, p. 371). Afinal, a soberania é nada que não mais se nomeia. Razão porque Bataille escreve para apagar seu nome.

“Esta exposição me põe em jogo pessoalmente”. Mas o que se entende por “pôr em jogo”? Em poucas palavras: a vida vista a partir da decomposição de todas as coisas, a partir da morte. Eis o cenário para que o Eu se escreva, uma última vez. Ou será um “não-Eu” que já fala em seu lugar?

Em Bataille, há uma insistência em desaparecer que, por um lado, está ligada a certo gosto pelo segredo ou, mesmo, pelo jogo de duplicidades – donde a dissimulação pseudonímica, a circulação nas sombras de uma literatura subterrânea (*Madame Edwarda, Histoire de l’Oeil*) –; e que, por outro lado, diz respeito ao Mal, esse objeto veraz da literatura que nunca se deixa escrever pacificamente. De modo que, a dado momento, é caso para ele de assumir: “o único meio de se resgatar do erro de escrever é destruir o que se escreve” (MARMANDE 1987, p. 129). Destruir, esse gesto consagrado simbolicamente pelo desaparecimento inicial do primeiro manuscrito de Bataille – *W.C.*, pequeno livro de 1926, “violentamente oposto a toda dignidade”, desde então rubrica um tanto fantasmática da transgressão batailleana – permite, pois, que se resgate do erro de escrever. E se com *Le Coupable* Bataille assegura sua entrada na escritura, tal se dá por “exigência de nada”, por força do que ali se despende sem projeto de remuneração.

Livro “violentamente dominado pelas lágrimas [...], violentamente dominado pela morte” (BATAILLE, 1973, p. 494), *Le Coupable* é a autografia de quem, “agarrado pela garganta [pelo] não-eu da natureza”, procura por si numa espécie de reverso das linguagens de identidade, na dilaceração de toda fraseologia niveladora. Redigido entre setembro de 1939 e outubro de 1943, fruto de uma solidão que se quer a um tempo dilacerada e iluminada, em meio ao desmoronamento geral do mundo, Bataille não cessa, nesse texto amplamente autobiográfico, de se mostrar no ato de experimentar o momento em que o ato de escrever, à semelhança do mundo, se decompõe. Ocorre, assim, de ali se travar um duplo combate: das palavras contra si mesmas – “combater a linguagem é dar-lhe seu lugar” –; do sujeito, “vazio de conteúdo”, contra os próprios limites. A *prière d’insérer* da primeira edição de 1944 sintetiza o percurso de uma subjetividade extirpada de si, espécie de ascensão rumo à queda, num Gólgota de culpabilidade:

Um homem amadurece – envelhece, se se preferir –, de perto ou de longe se aproxima da morte. Parece-lhe difícil, sem combate, abandonar ao túmulo um ser que nada compreendeu, que atravessa a terra como um sonho, uma fantasia desprovida de sentido e, por fim, em

falta com a fantasia. Ele luta desesperadamente na esperança de não soçobrar. Interroga, assim, na angústia, as últimas possibilidades: o êxtase, o acaso, o riso. Escala, penosamente, esgotado, escarpas vertiginosas. Uma vez chegado ao cume, percebe que aquelas possibilidades não são o que são... Voltando-se para aqueles dos quais é imagem e dos quais pensou ser o enviado descobre, não sem ironia, estar deles apartado. O fato de chegar ao cume é por eles considerado como um erro do qual se tornou culpado. Não seria o cume se não fosse assim: sem remissão possível, ele perdeu o repouso, a quietude dos outros (BATAILLE, 1973, p. 493).

Entendendo proceder à representação de si como “selvagem impossibilidade”, incapaz de evitar seus limites, menos ainda de a eles se ater (BATAILLE, 1973, p. 261), o narrador batailleano deixa-se ver por ocasião do enfrentamento das vicissitudes de seu texto. Diga-se de imediato: a desordem em *Le Coupable* é reflexo inevitável da ruptura com os canônicos espelhos de similitude. Misturam-se ali trivialidades de diário e elevação de pensamento, erotismo e sagrado, real e ficção, biografia e filosofia. Nesse sentido, *Le Coupable* não se exime daquela textualidade labiríntica, imagem privilegiada da literatura moderna, onde se opera, por assim dizer, a retaliação e recomposição vertiginosas do *corpus* autoral, até o ponto em que a enunciação acaba por se afirmar como o sujeito único do enunciado.

Foucault (2001b, p. 38), a respeito, fala de espoliação, de multiplicação e de dispersão da subjetividade no espaço de sua lacuna: “uma das estruturas fundamentais do pensamento contemporâneo”. Ausência num vazio! Em todo caso, tratar-se-ia do fim de uma forma clássica de soberania: o sujeito filosófico, ser-em-si, mestre das linguagens protocolares de identificação. Assim,

[...] é no centro dessa desapareição do sujeito filosofante que a linguagem [...] avança como num labirinto, não para reencontrá-lo, mas para experimentar (através da própria linguagem) a perda dele até o limite, ou seja, até aquela abertura onde seu ser surgiu, mas já perdido, inteiramente espalhado fora de si mesmo, esvaziado de si até o vazio absoluto – abertura que é a comunicação (FOUCAULT, 2001b, p. 39).

Vazio no vazio! Ora, na representação desse “vazio absoluto” onde o sujeito se verifica “inteiramente espalhado fora de si”, desse lugar de uma “ferida aberta” da subjetividade, no limite do que escapa de toda coesão, o

que perde legitimidade é o que reflete (e escreve) na coerência. Textualidade labiríntica: é tudo o que se dispõe para criar uma comunicação dilacerante, contrafação das tranquilizadoras narrativas de um “imutável eu” (BATAILLE, 1973, p. 282). Mesmo porque, ainda que o autor seja tentado pela interminável questão “quem sou eu?”, algo o conduz a deslocá-la, ou melhor, algo o convida a adotar para seu retrato um espelho das “verdades humilhantes” (BATAILLE, 1973, p. 345), irredutíveis aos esquemas idealísticos da cultura. Ao assumir o esvaziamento de si, ele passa a se ver excêntrico pela interrogação sem esperança (chaga aberta em si) “quem sou eu?” (BATAILLE, 1973, p. 333). O que equivale a se pronunciar por um pensamento desprovido de ponto de fuga, a fim de “estar à altura ‘do que não tem centro’” (BATAILLE, 1973, p. 282; grifos do autor). Bataille (1973, p. 240) pode então admitir, na contrafação da identidade filosófica:

[...] meus procedimentos são aqueles de um doente, ao menos de um homem asfixiado, esgotado. É o medo que me sustém, o medo – ou o horror – do que está em jogo na totalidade do pensamento. A procura da verdade não é meu forte (antes de tudo, falo da fraseologia que a representa). E devo agora ressaltá-lo: mais que a verdade, é o medo que desejo e procuro: aquele que abre para um desequilíbrio vertiginoso, aquele que atinge um ilimitado possível do pensamento.

Le Coupable é, assim, o retrato de um intelectual apoiado sobre as ruínas de uma fraseologia da verdade, tendo como cenário de fundo a guerra, evidência da vida como um “constante comprometimento do equilíbrio”. Aquele que “se obstina em tornar a si próprio ‘um combate’” (BATAILLE, 1973, p. 250, grifo do autor) descreve agora a “experiência interior” (a despeito de uma literatura “lesa-interioridade”) do desastre do mundo.

A narrativa de *Le Coupable* explicita seu início: 5 de setembro de 1939. Data que Bataille admite não ser uma coincidência.

Começo em razão dos acontecimentos, mas não para deles falar. Escrevo estas notas, incapaz de outra coisa. Preciso me deixar levar, doravante, por movimentos de liberdade, de capricho. De repente, era momento para mim de falar sem rodeios (BATAILLE, 1973, p. 245).

“Falar sem rodeios” não é dizer dos acontecimentos surgidos a agonia que eles encerram, é *fazer-se* propriamente agonia. Não será o comentador do mundo que se porá a escrever. Mas uma força que se assemelha àquela

que, cruelmente caprichosa, dispõe as ruínas desse mundo (BATAILLE, 1973, p. 498).

Mais que uma autobiografia, *Le Coupable* é um *auto-retrato*, na exata linhagem dos *Ensaïos* de Montaigne, dos *Devaneios* de Rousseau, do *Ecce Homo* de Nietzsche. O auto-retrato, sabe-se, substitui a continuidade narrativa e a pertinência cronológica por um *bricolage* de rubricas de temática variada — de ninharias do cotidiano a abstratas reflexões, passando pelo relato de sonhos e fantasmas. Heteróclito *corpus* de dados brutos que o estilo estrangulado, alusivo, dos “sufocamentos do êxtase ou da angústia” reúne em favor de uma virtualidade referencial nunca solidária de qualquer “mimese do eu”. Pois que se o auto-retrato interroga de modo oblíquo (e descontínuo) sobre a identidade do sujeito da escritura — ali não se narra uma vida preexistente à sua grafia —, o culpado se diz através do que o nega: “verdade longínqua e inevitável”, “desejo não-pacificável”, “ferida jamais fechada” (BATAILLE, 1973, p. 260). Ou, então, através de um questionamento obsedante da continuidade do texto: cisão ativa na escritura de um si fragmentado ou abertura para sua contrapartida enigmática e sem resposta?

Aquele que interroga, aquele que fala, suprime-se ao interrogar. Mas aquele que soçobra nessa ausência — e nesse silêncio —, do fundo desse silêncio, é o ‘profeta’ do que se perde na ausência...; Contudo, não posso me apagar...: a afirmação que faço de mim mesmo neste livro é ingênua (BATAILLE, 1973, p. 364, grifo do autor).

Mesmo um texto escrito sob a pressão do que se ausenta não deixa de aspirar à eternidade do livro. “Escrevo, não quero morrer” (BATAILLE, 1973, p. 365). Contudo, o envio constante ao momento dubitativo da escritura, como é caso em *Le Coupable*, não permite exorcizar a culpa de escrever. O sentimento da impotência do imaginário discursivo face ao inconcluso patético da História faz Bataille lamentar:

A história é inacabada; quando esse livro for lido, o menor dos escolares conhecerá o resultado da guerra atual; no momento em que escrevo, nada pode me dar a ciência de um escolar (BATAILLE, 1973, p. 261).

Nada pode evitar que o instante soberano da escritura seja dolorosamente privado daquela ciência que em breve pertencerá a qualquer memória. Esse, aliás, é sentimento comum àqueles que propõem um auto-retrato.

Marcada pelo dilema entre o refúgio nos jogos privados de sua autografia e a inscrição nas generalidades da enciclopédia pública, a subjetividade que se reflete em espelhos de tinta tem de se haver com a relativa futilidade de sua empresa. Afinal, exercício livresco ao abrigo do mundo da ação, dele sempre se pode dizer que compõe o Eu como um Livro dentre livros (BEAUJOUR, 1980, p. 13).

Inquietação e culpabilidade são incontornáveis condicionantes afetivos de um auto-retrato, mesmo porque a interioridade jamais desautoriza a exterioridade numa narrativa sem recursos (ou interesse) para garantir a hegemonia de quaisquer registros. A respeito, fala-nos Beaujour (1980, p. 13):

Nada é mais arcaico nem trans-histórico que esses textos que pretendem revelar 'o que sou agora, enquanto escrevo este livro! Nada é mais incômodo ao tempo que esse discurso no presente. É que o escritor, por pouco que se retire do mundo e tente dizer quem ele é mais que confessar seus feitos passados, encontra-se encurralado entre dois limites: aquele de sua própria morte, e aquele do impessoal, constituído pelas categorias mais gerais e mais anônimas, mediatizadas por uma linguagem que pertence a todos. Encurralado entre a ausência e o Homem universal, o auto-retrato tem de ziguezaguear para produzir o que sempre será, no essencial, o entrelaçamento de uma antropologia e de uma tanatografia.

De modo que não surpreende reconhecer a escritura batailleana, conduzida que é por “um movimento que mantém cada operação possível em seus limites” (BATAILLE, 1973, p. 261), empenhada em combater o saber universalizante e seu dogma central: o antropomorfismo e sua “voracidade intelectual” em julgar as semelhanças humanas. Um homem, sustenta Bataille (1973, p. 319), “é também o contrário de um homem: o questionamento sem fim do que designa seu nome!”. Fato é que tomar sua escritura por esse viés, quando empenhada em “tornar doente” a idéia que em geral se faz do ser (humano), implica fundamentalmente nela ver confrontados o “movimento impessoal do pensamento” – donde saem antropologismos e antropomorfismos – e uma experiência dilacerante (e sacrificial) da escritura do Eu pela qual “se quebra a agitação da inteligência” e, conseqüentemente, se tornam indistintas autografia e tanatografia.

De fato, a ligação da linguagem com a morte é levada por Bataille ao extremo de uma experiência sacrificial da escritura. Pois que esta corresponde ao movimento próprio ao pensamento soberano:

no extremo de seu desenvolvimento, o pensamento aspira à sua execução (mise à mort) precipitado na esfera do sacrifício e, assim como uma emoção cresce até o instante dilacerado do soluço, sua plenitude leva-o ao ponto em que sopra um vento que o abate, onde viceja a contradição definitiva (BATAILLE, 1973, p. 261).

Assim hipostasiado por tal aspiração do pensamento, o Eu que redige *Le Coupable* retém a culpa de uma escritura siderada pela indefectibilidade de um “ponto em que sopra um vento que abate”. E, malgrado o “caráter enigmático” do que escreve, ele termina por aquiescer: “sob a aparência de uma confissão, por vezes provocante, o autor furtou-se” (BATAILLE, 1973, p. 495).

O Eu, existência em decomposição, é justamente o que não se escreve. Ou melhor, o que não pára de se escrever, no limite de sua redutibilidade ao silêncio. Lê-se, pois, no prefácio de *Le Coupable*:

Em verdade, a linguagem que adoto só poderia se concluir por minha morte [...] A morte é uma decomposição, uma supressão tão perfeita que, no cume, o pleno silêncio é sua verdade, tanto mais que é impossível disso falar [...] Volto-me ao fim da linguagem que é a morte. Virtualmente, trata-se ainda de uma linguagem, cujo sentido – já a ausência de sentido – é, entretanto, dado nas ‘palavras que põem fim à linguagem’. Essas palavras só têm sentido na medida em que precedem imediatamente o silêncio (o silêncio que põe fim): elas só teriam pleno sentido esquecidas, caindo decididamente, subitamente, no ‘esquecimento’ (BATAILLE, 1973, p. 242, grifos nossos).

Escrever o desaparecimento do sujeito exige que todo sentido passe a funcionar como sacrifício do sentido. Falar da própria morte não basta para impostar uma soberania. Esta deve sacrificar toda apresentação do sentido da morte. Perdido para um discurso no limite de sua possibilidade, o sentido deve ser absolutamente consumido, até sua morte. Em outros termos, “palavras que põem fim à linguagem” são aquelas capazes de se abrir para a perda (a deriva) absoluta de seu sentido: constituem, assim, o tormento da escritura, o comentário de sua *ausência de sentido*, ou melhor, de seu *sentido de ausência*. Ao explicar sua “experiência interior”, Bataille assinala:

É uma pretensão ao silêncio e à morte a tal ponto que, empolar a voz por pouco que seja, como as palavras ‘silêncio’ e sobretudo ‘morte’ incitam paradoxalmente a fazê-lo, como num rito, [seria] um erro.

A soberania, com efeito, não existe senão no momento em que aquele que vai falar ‘desaparece’, cala-se, morre de tal modo que as palavras que o anunciam nunca abrem senão a via de um morto; e na medida em que ela não é reconhecida senão pela surpresa, pelo sentimento de incômodo, de louca alegria e de incongruência daqueles que, tendo-a pressentido, só podem experimentá-la prontamente como uma ‘ausência’ (BATAILLE, 1973, p. 486, grifos nossos).

Jacques Derrida, em *L’écriture et la différence*, identifica na soberana “destruição do discurso” proposta por Bataille um pensamento do limite enquanto experiência do impossível. Não porque houvesse ali uma reserva ou uma retração, um “murmúrio infinito de uma palavra branca apagando os traços do discurso clássico”, mas porque em Bataille o discurso estaria submetido a uma espécie de “*potlatch* dos signos”, a um dispêndio exuberante das palavras na gaia afirmação de sua morte: “um sacrifício e um desafio” (DERRIDA, 1967, p. 403). Isto é: o de arriscar a morte para abrir o olho após a longa noite da razão, onde se tramou, cegamente, a lógica e a sintaxe férreas de uma língua que cumpre, então, dilacerar com a devida violência. Aquela violência de uma escritura transgressora que reconhece, porém, a necessidade de manter o sistema dos limites, dos interditos. “A escritura, lembra Derrida (1967, p. 405), é sempre traçada entre essas duas faces do limite”: entre a servilidade do sentido e o despertar para a sua morte. Ali onde o tecido de trama cerrada das proposições retém, não sem violência, a abertura mortal do olho. Assim, complementa Derrida (1967, p. 407), o texto batailliano “traça em silêncio a estrutura do olho, desenha a abertura, aventura-se a tramar a ‘absoluta dilaceração’, dilacera absolutamente seu próprio tecido [...]”.

Situação singular nessa textura em dilaceração: o Eu, anterior garantia de um ponto de fuga, arrisca ali se furtar ao olhar-leitor, derivar para o vazio a que o texto doravante aspira – “o saber em último grau deixa diante do vazio” (BATAILLE, 1973, p. 333). Escrever a procura da soberania constitui, no seu movimento repetitivo, angustiado, intermitente, uma escritura tensionada por sua própria alteridade, ilocalizável e inacessível. Escritura que não pode se depositar numa marca (assinatura), seguir um roteiro, uma continuidade (temporal e espacial). De modo que uma renúncia soberana ao reconhecimento vem se conjugar com o apagamento do que se escreve.

Se se vai até o fim, cumpre se apagar, padecer da solidão, dela sofrer duramente, renunciar a ser ‘reconhecido’: estar ali como ausente, insensato,

padecer sem vontade e esperança, estar alhures. O pensamento (por força do que ele tem em seu fundo), cumpre enterrá-lo vivo. Publico-o sabendo-o antecipadamente desconhecido, tendo de sê-lo (BATAILLE, 1954, p.179, grifo do autor).

Razão porque Bataille censura toda a linguagem onde a vontade procura “se guardar no rastro, fazer-se ali reconhecer e reconstituir sua presença” (DERRIDA, 1967, p. 389). Em oposição a esse projeto servil de conservar a vida em uma presença *a priori* – como “circulação e reprodução de si, e do sentido” (1967, p. 376) –, Bataille impõe diversa escritura: “aquela que, nos termos de Derrida (1967, p. 390), produz o rastro como rastro [...], a possibilidade de um apagamento absoluto”. Em outras palavras, escritura de um *pensamento em ruína*. E, como equivalência, escritura de um *ser-em-desconstrução*, daquele que evita se inscrever nas distinções estatutárias e estabilizáveis de uma cronologia, de uma história, de uma teleologia.

Quatro anos antes da análise de Derrida, Michel Foucault dera o tom da leitura filosófica de um “jogo dos limites e da transgressão” transcorrido na escritura soberana. Tratar-se-ia, sobretudo, de ato de obstinação: “a transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível”. Subsumida nesse jogo da retração das bordas, a transgressão carrega a marca de toda desconstrução: “ela não opõe nada a nada [...], nem triunfa sobre limites que apaga”. Diferentemente, a transgressão “toma, no âmago do limite, a medida desmesurada da distância que nela se abre e desenha o traço fulgurante que a faz ser” (FOUCAULT, 2001b, p. 32). Dessa fulgurância, vale observar, a transgressão não retém um conteúdo temático; ela, que por definição não é retida por limite algum, conclui Foucault (2001b, p. 33), “talvez não passe da afirmação da divisão [...], do ser da diferença”.

Em seu ensaio sobre Bataille, Derrida trata de alertar ao que seria o necessário trabalho da modernidade filosófica junto a uma “deriva calculada” dos conceitos até sua insustentabilidade. Necessário porque, ele estima, o filósofo tende a se cegar em face de um texto como o de Bataille, “pois que [se é] filósofo somente por esse desejo indestrutível de sustentar, de ‘manter’ contra a deriva a certeza de si e a segurança do conceito” (DERRIDA, 1967, p. 393, grifo do autor). Foucault, anteriormente, já denunciara a precariedade da “filosofia de nossos dias”: pensamento em

perda de sua linguagem historicamente natural e, conseqüentemente, instado a recuperar a palavra “nas bordas dos seus limites [...] ou na densidade de palavras encerradas em sua noite, em sua verdade cega” (FOUCAULT, 2001b, p. 37). A constatação abre para a notável cenografia textual do olhar exorbitado de Bataille, lançado fora de si, deslocado ao limite. Olho revirado para dentro da cavidade noturna do crânio, sucedâneo do globo branco da pura transparência do olhar intuitivo, ele define o espaço de vinculação da linguagem e da morte, “no momento em que representa o jogo do limite e do ser” (FOUCAULT, 2001b, p. 42). Valeria, pois, inferir daí o seguinte postulado: na inscrição do inscristível, é possível ver, à condição de se fechar soberanamente os olhos. Afinal, a “noite” batailleana entende ser “embriaguez do pensamento”, condição *sine qua non* para se fazer a experiência do “ser do limite”, do “ser da diferença” (FOUCAULT, 2001b, p. 44, 33). Razão porque Derrida se encontra com Bataille nessa comum convicção de que “o conceito se produz no tecido das diferenças”. O que lhe permite enunciar oportuna acusação de uma inoperante hermenêutica: cegar-se à rigorosa precipitação, ao sacrifício impiedoso dos conceitos filosóficos no texto batailleano – em qualquer texto de ruptura/desconstrução –, continuar a lê-lo “no interior do ‘discurso significativo’”, é faltar para com a “investigação necessariamente sem reserva” das diferenças, dos limites. Tal constatação, entende-se, não supõe em contrapartida preceituar um método eficiente. “Não terei em nenhum momento a possibilidade de ver!”, constata Bataille, sem traço de nostalgia da totalidade, na lembrança que, nietszcheanamente, “cumpre perder o respeito do todo” (SOLLERS, 1970, p. 131).

Do pensamento que tem lugar ao se espacejar sobre um limite indiscernível (não há outro ter-lugar do pensamento em sua radicalidade), desrespeitoso de qualquer tentativa de totalização, um derridiano dirá que ele se desconstrói ou que está “em desconstrução”. Que é acontecimento.

A desconstrução tem lugar, é um acontecimento que não espera a deliberação, a consciência ou a organização do sujeito, nem mesmo da modernidade. ‘Isso se desconstrói’. O ‘isso’ não é aqui uma coisa impessoal que se oporia a alguma subjetividade egológica. ‘Isso está em desconstrução’ (DERRIDA, 1987, p. 391, grifos do autor).

“Isso se desconstrói”, isso interessa à soberania batailleana. Pois que “a soberania não se prescreve. E, em geral, não ordena nem outrem, nem as coisas, tampouco os discursos, em vista da produção do sentido”

(DERRIDA, 1967, p. 388, grifos do autor). Essa é, como se disse, uma renúncia ao reconhecimento – motivo que interessa a Derrida enquanto questionador da “singularidade absoluta de um acontecimento de assinatura” (DERRIDA, 1972, p. 431). Razão porque se pode falar de uma escritura do pensamento em ruína – não há como mantê-lo diversamente radical. Radicalidade que se estende ao olhar, pois que tudo o que se desconstrói remete o sujeito (sua linguagem e seu pensamento) à ruína de um cegamento que fornece seu caráter acontecimental. Nos termos de Derrida (1990, p. 72, grifos do autor):

Como amar outra coisa que a possibilidade da ruína? que a totalidade impossível? [...] Isso não é um tema, justamente, isso arruína o tema, a posição, a apresentação ou a representação do que for. Ruína: antes aquela memória aberta como um olho ou a cratera de uma órbita ossuda que deixa ver sem mostrar ‘absolutamente nada’. Para nada mostrar do tudo. ‘Para’ nada mostrar, em absoluto, isto é, a um tempo ‘porque’ a ruína ‘não’ mostra ‘absolutamente nada’, e em vista de nada mostrar do todo. Nada da totalidade, que não se abra, transpasse-se ou se esburaque prontamente.

Na autobiografia batailleana, o que se arruína, se fissa, procura pelos termos de sua deriva para além das linguagens de identidade. Sem que seja tematizado ali algo como o nada – o que Bataille entende ser apenas “um pretexto para acrescentar ao discurso um capítulo especializado” (BATAILLE, 1965, p. 288) –, o que se procura é, antes, a supressão (ainda que impraticável) do que a linguagem acrescenta ao mundo. Onde a encenação de uma

espécie de obscuridade alucinante [que] me faz lentamente perder a cabeça, [que] me comunica uma torção de todo o ser voltado para o impossível; [uma] explosão quente, brilhante, mortal... por onde escapo à ilusão de relações sólidas entre o mundo e eu (BATAILLE, 1973, p. 247).

Nesse intento, ao procurar administrar uma “fuga imensa fora de [si]” pela contestação do excesso de ego, Bataille (1973, p. 253, grifos nossos) chega por fim à evidência mortal de todo solipsismo: “Não sou mais eu mesmo, mas o que sai de mim atinge e encerra em seu abraço uma ‘presença sem limites’, semelhante à perda de mim mesmo”.

“Presença sem limites”, equivalente a uma ausência de si! Que este seja o efeito mais notável de um combate das palavras contra si mesmas, isso não é mais que consequência do que Bataille entende por comunicação. Esta “exige uma falta, uma ‘falha’; ela entra como a morte, por um defeito da couraça” (1973, p. 266); equivale a uma catástrofe. Importa, pois, escrever não *sobre*, mas *como* a falta, a falha, a catástrofe. De maneira a que, por fim, devolva-se ao homem “o direito de nada significar” (1973, p. 429). Ou o direito de não mais significar “humanamente”. Se “os tempos são próprios à reflexão que fere” (BATAILLE, 1973, p. 298), então

toda linguagem um pouco solene, que não fosse sustentada por uma tensão aguda, cumprirá vomitá-la. Humanamente, as más chagas são aquelas onde as grandes palavras se insinuam: as grandes palavras são o pus e os vermes [...], a covardia intelectual: colocar o que se puder ao abrigo das verdades que cheiram mal [...] (BATAILLE, 1973, p. 530).

Silenciar as grandes palavras equivale a propor uma soberania do ser feita nietzscheaneamente da dilapidação das normas do dever-ser. Não será necessário remexer longamente nas “cisternas filosóficas” para dilapidar igualmente a memória de si, da interioridade a si (BATAILLE, 1973). O que resulta em uma soberania paradoxalmente assentada sobre uma

ausência de memória de nossa impotência em conceber esse tempo que, desde então, ter-nos-á suplantado: esse mundo inconcebível ao qual adentro unicamente ao recusar concebê-lo, ao rir de mim mesmo, ‘negando-me’ (BATAILLE, 1973, p. 495, grifo nosso).

De modo que talvez pudéssemos assumir para *Le Coupable* o que diz Beaujour (1980, p. 23) para o auto-retrato em geral: [que] “as certezas ideológicas, a sabedoria, os adágios tranqüilizadores, a cultura assegurada, fazem sempre falta ao auto-retratista: [...] ele é um desalojado, voltado para a exterioridade, para o exílio, para o impessoal, para o anti-histórico”.

Bataille (1973, p. 365) admite que a redação de um auto-retrato comporta uma “imensa contradição”: “a tinta muda a ausência em intenção...”. Ele que entende se furtar à “irremovível obsessão do eu” (BATAILLE, 1973, p. 362), e assim se relacionar com o que o nega, não cessa de se escrever. Ainda que sua subjetividade se escreva num enunciado que se arruína à medida que é enunciado. De modo que, entre tantas interrogações noturnas – a introspecção é jogo eminentemente noturno –, lê-se:

Posso esperar sair de um estado de fadiga e de escoamento gota a gota na morte? E que tédio de escrever um livro, lutando contra o esgotamento do sono, desejando a transparência de um livro: clarão deslizando de sombra a sombra, de um horizonte ao horizonte seguinte, de um sono a outro sono. Não abraço o que digo, o sono me abate, o que digo decompõe-se na inércia vizinha da morte. Uma frase escorregava mais abaixo na decomposição das coisas e eu já adormecia... Esquecia-a. Acordo, escrevo essas poucas palavras. Já tudo cai no entulho de dejetos do sono [...] Todos os sentidos se anulam, compõem novos; inapreensíveis, como saltos. Tenho na cabeça um vento violento. Escrever é partir para outra parte. O pássaro que canta e o homem que escreve se libertam. De novo o sono e, a cabeça pesada, desfaço-me (BATAILLE, 1973, p. 359).

Não seria despropositado identificar aqui uma contra-cenografia da noturna meditação cartesiana, onde o protagonista se assegurava metodicamente do fiador ontológico de seu *ego*. O auto-retrato, esclarece Beaujour (1980), precede o sujeito transcendental no sentido em que sua tentativa de totalização, sempre inacabada e fragmentária, mantém irreduzíveis a perda e a clivagem. A introspecção invariavelmente contesta o excesso de ego, de interioridade, a fim de generalizar a exterioridade, a impotência (BEAUJOUR, 1980). O Outro (a morte, o inominável, o irreconhecível, a mediocridade), ainda que permaneça fiador do que o escritor reúne e distribui em seu auto-retrato, é fator de todos os riscos – ao patrocinar um antiestrutural, de que fala Barthes (2003, p. 165): “[o auto-retrato moderno] extenua uma lista de objetos heteróclitos, e essa lista é a antiestrutura da obra, sua obscura e doida poligrafia”. No fim das contas, a escritura de si é o relato de um narcisismo mitigado: no momento em que escreve, Bataille reconhece a verdade do mundo que o sustém, mas a existência penosa que é a sua não pode se evadir de leis que não são senão aquelas de um espetáculo exterior, que exige a representação de seus múltiplos e heteróclitos objetos.

Em *Le Coupable*, a aspiração aos transportes expressivos para fora da “vulgaridade própria às relações cotidianas” vem se conjugar com a idéia insuportável de retornar ao que se é, “àquele que sou no momento em que escrevo” (BATAILLE, 1973, p. 500). Há um nítido desconforto de Bataille com o presente da escritura, quando é suposto que se jogue o resgate de um “escoamento gota a gota na morte”. Tempo presente de uma escritura — onde pululam formas vazias, esquemas, fantasmas de frases, deslocando-se entre sono e vigília — que, contrariamente às meditações cartesianas, não

atualiza *Ego* algum. Bataille sonha desperto com a transparência do livro; luta para inscrever fugidias e esparsas palavras; por fim, sucumbe ao esquecimento no sono, “inércia vizinha da morte”. De um sono a outro, entre dois “desequilíbrios”, uma frase se insinua na tentativa de apreender “mais longe” o objeto de desejo de um Eu asfixiado. Este persiste, porém, em derivar para mais longe, junto à decomposição das coisas. Por fim, entende-se que a figura de um imutável Eu cedeu lugar àquela de um sujeito cujos objetos de contemplação são a “vítima agonizante” (BATAILLE, 1973, p. 283). Afinal, escrever, estima Bataille (1973, p. 284), não é “encerrar o universo em proposições satisfatórias, mas somente um jogo jogado com uma realidade inapreensível”.

Consciente que a chamada *operação soberana* “só pode ser definida na noite”, Bataille (1973, p. 482) nela permanece inerte. Nenhuma tentativa faz para metamorfoseá-la em um dia pesado de todas as promessas humanas. “Nada posso escrever que não tenha a aparência de um passo para a morte, é a única coesão de notas febris, para as quais não há outra explicação” (PIERRE, 1987, p. 52). Mesmo a leitura “é comparável aos vermes aos quais a fossa abandona um corpo” (BATAILLE, 1973, p. 495). Prometido à corrupção por força desse “outro” que é o leitor, ausente e corruptor, o retrato batailleano é invariavelmente reconduzido para o registro de sua motivação primeira: a morte, a decomposição.

Quase ao final de *Le Coupable*, a ausência ganha nietzscheana metáfora:

Tenho na cabeça um vento violento [...]. Minha ausência é o vento do fora [...] O vento do fora escreveria esse livro? Escrever é formular minha intenção. Desejei aquela filosofia de quem a cabeça do céu fosse vizinha — e cujos pés tocassem o império dos mortos! Espero que a borrasca desenraíze... No instante mesmo alcanço todo o possível! ao mesmo tempo, alcanço o impossível. Atinjo o poder que o ser tinha de chegar ao contrário do ser. Minha morte e eu, nós nos desequilibramos no vento do fora, onde me abro à ausência de mim (BATAILLE, 1973, p. 365).

A ausência de si, vento violento na cabeça do escritor! Bataille sempre aspirou ao que Nietzsche chama um pensamento-dança capaz de um golpe de acrobacia, pois que não mais condicionado ao peso das longas cadeias de razões. Pensamento “sem medida”, como um vento violento na cabeça. Contrafeito ao edificante, ele se traduz em transgressão da linguagem

categorizante do edifício do saber, linguagem cuja sintaxe é marcada por secular fobia de estruturação. Enfim, esse é vento que sopra no sentido de uma precipitação da filosofia (do saber, em geral) para fora de si (para dentro da literatura). Foucault, a respeito, fala de um “pensamento do exterior”. Que se justifica:

o ‘eu falo’ funciona ao contrário do ‘eu penso’. Este conduzia de fato à certeza indubitável do Eu e de sua existência; aquele, pelo contrário, recua, dispersa, apaga essa existência e dela só deixa aparecer o lugar vazio. O pensamento do pensamento, uma tradição mais ampla ainda que a filosofia, nos ensinou que ele nos conduzia à mais profunda interioridade. A fala da fala nos leva à literatura, mas talvez também a outros caminhos, a esse ‘exterior onde desaparece o sujeito que fala’ (FOUCAULT, 2001a, p. 221, grifos nossos).

Escreve-se certamente para lutar contra a morte. Mas a ausência de si não pode escrever esse livro (ou qualquer outro): escrever é formular uma intenção, aceitar os limites do ser, encerrá-lo numa taxonomia discursiva. O vento violento, a ausência de si, sopraria em *Le Coupable* se ele fosse um livro soberano, se ele fosse capaz de tocar o ser “no ponto em que ele sucumbe” (BATAILLE, 1973, p. 261). Mas se Bataille espera que “a borrasca desenraíze”, por que o emprego das reticências? É de se perguntar: desenraizar o que? Ele espera que o não-eu, a ausência, a morte, arranquem-no à ordem onde contrai raízes: condição para se alcançar o poder que o ser tem de “chegar ao contrário do ser”. O ser, afinal, não nos é dado “numa suplantação intolerável do ser”? Jogue-se doravante com essa suplantação; com o que é outro, ou melhor, com o que não é imperativamente. O autor de *Le Coupable* faz isso com uma mão que aceita os limites ao escrever, mas que, mão prometida à morte, permite que o pensamento escape a seus limites. Duas mãos em uma, ou melhor, uma mão e sua morte. “Minha morte e eu, nós nos desequilibramos no vento do fora onde me abro à ausência de mim” (à minha soberania). Operação sutilmente paradoxal: eu me abro à ausência de mim se minha morte e eu juntos sucumbimos ao vento do fora (fora dos limites), isto é, na minha ausência. Eu me abro à soberania da qual só minha morte me separa, mas da qual não estou mais separado... por força do livro que escrevo!

Quanto a esse livro, eis a frase que o encerra (em sua desejada inconclusão): “Vi que deveria fazer isso ou aquilo e eu o faço (meu tempo não é mais aquela ferida aberta)” (BATAILLE, 1973, p. 366). Uma mudan-

ça de sentido do tempo vivido perturba a derradeira perspectiva do autorretrato. Ao final, Bataille não mais padece de um tempo futuro (“Escrevo, não quero morrer”). Ao encerrar a escritura, a relação com a morte mudou, inverteu-se. Não se trata mais de querer suprimir pela linguagem o tempo (de catástrofes, de guerra), porque é nele que se experimenta a falta de ser, a “ferida aberta” no sujeito. Ao contrário, Bataille procura se identificar com o tempo enquanto “duração da perda”, enquanto acaso, acordo com o acaso. E, como o acaso é “a *mise en jeu* de todo o possível” (BATAILLE, 1973, p. 325), é nele que se joga a questão última da identidade. Ora, “a consciência do acaso me decompõe” (BATAILLE, 1973, p. 546). Bataille devém, pois, uma “consciência do acaso”. Por fim, assume a chancela mallarmeana: “Eu sou um lance de dados, é essa a minha força”; “[...] a independência e o desprezo das convenções me darão e me dão uma desenvoltura de jogador” (BATAILLE, 1973, p. 352).

Uma escritura soberana teria por função essencial a procura do acaso. Assim, em um belo texto (*Le catéchisme de Dianus*), Bataille (1975, p. 496) pode assumir:

Escrever é procurar o acaso, não do autor isoladamente, mas de um qualquer anônimo. Em mim mesmo esse movimento arrastado que me obriga a escrever está tomado na trajetória de um acaso pertencente ao homem em geral. Todavia, do acaso não posso dizer: ‘ele me pertence’ (ele pode a cada instante se furtar), nem exatamente: ‘eu o procuro’: posso sê-lo, não procurá-lo. O acaso humano é trajetória viva, já encontrada, mas ela deixaria de ser se.

Quanto ao “fazer isso ou aquilo” da última frase de *Le Coupable*, é sempre possível dizer que o fato de escrever isso ou aquilo faz parte de um processo, de uma procura — ainda que para Bataille isso sempre implique numa “imobilidade da pedra” (BATAILLE, 1973, p. 350). De todo modo, no curso desse “processo”, o escritor é suplantado por uma escritura que prossegue em seu trabalho de dolorosa interrogação sobre sua própria possibilidade. Deixando de dominar seu próprio texto, resta ao autor escorregar por entre suas fissuras, deixando rastros de sua “insuportável suplantação”. Em face de uma escritura escarnecedora e terrificada do não-eu, não poderia haver outra “assinatura”. Assim, o que Bataille escreve não é nunca um aleatório “isso ou aquilo” a cujo movimento ele simplesmente se submeteria. O gesto de escrever — sua inconseqüência essencial — parece, antes, determinar sua inscrição no movimento impessoal de um universo sem Deus, uni-

verso-acaso, onde a subjetividade ganha autonomia enquanto renuncia à sua organização, gramatical importa dizer, e permite assim *ser tocada* por uma instabilidade taxonômica, por aquilo que a dissocia, a consome. *Páthos* terminal da subjetividade desaparecida, que invariavelmente protagoniza o auto-retrato literário moderno.

Referências

- BARTHES, R. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Leyla Perrone- Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BATAILLE, G. *L'érotisme*. Paris: [s.n.], 1965.
- BATAILLE, G. *L'expérience intérieure*. Paris: Gallimard, 1954.
- BATAILLE, G. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1973. V. III, V..
- BEAUJOUR, M. *Miroirs d'encre: Rhétorique de l'autoportrait*. Paris: Seuil, 1967.
- DERRIDA, J. De l'économie restreinte à l'économie générale: un hegelianisme sans réserve. In: _____. *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967.
- DERRIDA, J. Lettre à un ami japonais. In: _____. *Psyché: invention de l'autre*. Paris: Galilée, 1987.
- DERRIDA, J. *Marges de la philosophie*. Paris: Minuit, 1972.
- DERRIDA, J. *Mémoires d'aveugle: l'autoportrait et autres ruines*. Paris: Éditions de la Réunion des Musées Nationaux, 1990.
- FOUCAULT, M. O pensamento do exterior. In: _____. *Ditos & Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a. p. 219-242.
- FOUCAULT, M. Prefácio à transgressão. In: _____. *Ditos & Escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001b. p. 28-46.
- MARMANDE, F. La disparition, ou l'instant d'écrire. *Revue des Sciences humaines*, tomo LXXVII, n. 206, p.129-141, 1987.
- PIERRE, R. Ecrire de ne pas écrire. *Revue des Sciences humaines*, tomo LXXVII, n. 206, p. 43-64, 1987.
- SOLLERS, P. *L'écriture et l'expérience des limites*. Paris: Seuil, 1970.

Abstract: Georges Bataille (1897-1962), besides Blanchot and Klossovski, is one of the authors whom Michel Foucault asked to indicate "ways to step out of philosophy". In fact, Bataille enters philosophy through transgression in order to subvert ancient's philosophical idealisms and to point out the "stormy impossibility" of a sovereign Self. Speaking in the intent of uproot the subject out of coherent space, this is the challenge for Bataille as a writer, in view of identity's languages. This paper intends to show this defying when

it assumes a self-biographical voice, subverting similitude mirrors, and becomes the register of an “open wound “ of subjectivity .

Key words: *subjectivity, sovereignty, writing of self, transgression, Georges Bataille*

Uma primeira versão deste texto foi apresentada na forma de comunicação em 22 de setembro de 2005 no Simpósio Internacional Escrever a vida: novas abordagens de uma teoria da autobiografia, organizado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, de 20 a 22 de setembro de 2005.

OSVALDO FONTES FILHO

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor no Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desenvolvo no momento um Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Unesp de São José do Rio Preto. *E-mail*: osvaldofontes@telefonica.com.br